A LENDA DE D. SANCHA

(POEMA-BALLADA)

S. D. Froes

A LENDA DE D. SANCHA

(Poema-Ballada)

S. D. FRÓES

BAHIA
IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO
Rua da Misericordia n. 1
1926

D. SANCHA

Explicação previa

I

Na musica popular e no folk-lóre ibericos e portanto nos da America latina (e mesmo na anglo-saxonia), ha certos factores ethnicos primitivos que o tempo e as contingencias historicas mesclaram a ponto de não poderem ser facilmente discernidos no estado actual da lenda.

Dentre esses, destacam-se dois factores, que são os primitivos e os principaes: o elemento visigodo ou gothico e o mourisco. Relativamente a estes o arabe (semitico) e o grego-romano (aryano) pouco influiram; sendo que o grego-romano, sob o ponto de vista musical, manteve-se no campo religioso, no interior dos conventos e templos medievaes, sem deixar vestigios caracteristicos nas canções populares de hoje.

Aconteceu até o contrario: o ter a musica popular por vezes refluido sobre a ecclesiastica, em detrimento desta.

O elemento propriamente arabe com o decorrer do tempo dissolveu-se no mourisco que o substituiu na conquista das Hespanhas.

Por vezes notam-se tambem curiosas semelhanças de

rhythmo entre certas dansas ibericas e slavas, por ex: entre *o bolero e a polacca.*

E' que por vezes encontram-se as duas pontas do cordão. Sarmatas. Persas e Arabes de ha muito estiveram em contacto no oriente entre si e com os visigodos, cujos descendentes e parentes vieram outra vez encontral-os no outro extremo da Europa, na peninsula iberica.

Entre o elemento mourisco e o visigodo houve sempre vehemente opposição de caracteres, os quaes se juntaram sem se confundirem, no *folk-lore* iberico.

Casamento desigual... se feliz ou infeliz *sub judice lis est;* é questão debatida. Não foi porém esteril; e isso é visivel e não se discute. Não fallamos aqui na influencia celtica, na vasconça, as quaes fundiram-se completamente na visigoda; pois na idade média já, de ha muito, estavam unificadas, pela religião, os costumes geraes, as aspirações e as lendas das tres raças ibericas, na civilização romana. Luctaram juntas contra o inimigo commum, o mouro.

Outra causa de certas semelhanças entre os *folk-lores* rumaicos, tcheque e hungaro com o hespanhol (e por extensão com os pontos limitrophes de Portugal), reside, segundo Ebenezer Prout, no contacto constante de todos esses povos com os ciganos, essa raça que tanto se desenvolveu no seio dos paizes aos quaes nos referimos.

II

Nem sempre a letra de uma lenda popular está de accordo com o canto, quando este o acompanha. Muitas vezes o espirito da leta está em diveergencia com o da toada que o povo lhe uniu. Uma póde ser gothica e a outra mourisca. A immutabilidade desses rhythmos nas raças orientaes, no decorrer dos tempos torna isso mais conspicuo hoje mesmo; compaando-se os de certa canções populares ibericas com os actuaees rhythmos mauritanos.

O rhythmo visigodo, ingenuo e mais nobre, é tambem mais calmo e menos movimentado.

De ambos lançaram mão os compositores hespanhóes de maior nomeada (como Albeniz e Granados) nas suas producções baseadas em motivos populares.

Certas deslocações do *ictus* para o *arsis,* frequente nos rhythmos selvagens, são singularidades que raramente se encontram entre os aryanos; para os quaes o *ictus* deve coincidir normalmente com o *thesis* (*).

Um dactylo com accentuação na segunda syllaba seria um contrasenso.

Por outro lado acontece que, a se divulgar no tempo e no espaço, a toada musical corrompe-se, altera-se e adultera-se, chegando ao ponto de trocarem entre si as toadas de diversas letras.

Conhecemos mais de uma toada para a mesma canção popular; e isso é um dos pontos ao qual desejamos chegar; pois é possivel que, — sendo desconhecida a que tomamos, como cellula do nosso thema, em alguns pontos do Brazil, — julguem termos desprezado a usual daquelles pontos.

III

A lenda cantada toma frequentemente, senão sempre, a forma de xacara, de canções de embalar (*berceuses, cradle-songs, wiegenlieder*), de ronda ou canções de roda, e até de canções bacchicas.

Assim o que outr'ora fez chorarem os bisavós diverte ou adormece os bisnetos...

(*) Consideramos aqui o *thesis* como o tempo forte. E' sabido aliás que a significação exacta do *thesis* é controvertida. No cantochão, por ex; o *arsis* é que é o tempo forte. Assim tambem o entendem alguns hellenistas.

A *D. Sancha* não escapou a essa lei fatal. Nascida nos montes do norte da peninsula iberica; meio esquecida nas cidades do proprio Portugal; vive ainda em aldeias e nos campos da antiga metropole com a toada que ainda tem nos sertões da Bahia e com a letra que se ouve cantar em quasi todo o centro e norte do Brasil, salvo algumas variantes accidentaes.

Ao norte de Minas a toada se conserva parcialmente, mas passando do modo maior para menor. A medida porém que se vae avançando para o sul de Minas, vae se alterando a cantilena havendo ahi, relativamente á melodia, divergencias radicaes e absolutas.

No Rio vêmol-a outra vez com certa toada ingenua e em maior; mas divergindo sensivelmente da original dos campos portuguezes e dos sertões bahianos, a qual aliás é tambem a mesma em alguns outros Estados.

Além disso dá-se em relação á letra, um facto curioso. E' que, a medida que se avança para o norte do Brazil, a letra (como o brinquedo com a qual as crianças a acompanham) está accrescida com quadras adventicias, sem relação com o sentido primitivo. Para o sul do Brazil é o inverso que se dá. Reduziram-lhe as proporções, sendo que no Rio está desfigurada com o termo de calão — *lata* — por espirito de rima com *prata*.

Assim despoetisou-se completamente.

Pesquizas pessoaes fazem-nos crer que, no nordeste do Paiz como no Sul a partir de São Paulo, acha-se esquecida de todo a canção, a letra e até os jogos constantes das crianças desses logares; ao menos nos centros urbanos. Isso aliás se explica pelo modo do povoamento, durante o periodo colonial, e após a independencia, do extremo Sul e do noroeste.

Na propria peninsula iberica é no norte; mais perto das Asturias e das serras septentrionaes, donde partiu a

reacção christã dos visigodos; que se conserva a velha canção gothica de modo mais completo e constante.

IV

A lenda de D. Sancha, sob outras denominações e naturalmente com outra letra e outra musica, é commum a toda a Europa occidental. Na sua essencia é a mesma do que a franceza:

Malborough s'en va-t-en guerre

Notemos de passagem que uma das toadas que soem na França acompanhar essas palavras é a mesma da canção bacchica na Inglaterra:

He is a jolly good fellow

A noiva abandonada (forma escandinava) tambem pede eternamente ao Credor que proteja ao inconstante que jamais ella ha de rever.

A forma portugueza parece ter nascido ou se concretisado na epocha da batalha de Alcaverquivir, sob o aspecto do que em França chamam *complainte*, a qual, a força de ser repetida, passou da bocca dos trovadores, transformando-se de queixas em folguedo de crianças; suggestionadas pelo "descubra o rosto" e "mandam que se esconda".

Mas basta reflectir um pouco para ver que esses — "filhos de rei e netos de Conde,—que mandam, como anjos, *"que se esconda debaixo de uma pedra a S. Miguel Archanjo"*, padroeiro dos cruzados e chefe potente das milicias celestes, o qual entretanto não defendera os christãos e os deixa literalmente exterminar pelas infieis — constituem a expressão de lancinante desespero.

Ao passo que aquelles *anjos, que vão carreando* ou

levando pouco a pouco ao Eterno, a medida do desfilar das preces, as tristezas e as queixas da infeliz que não mais viu tornar o escolhido do seu coração, são profundamente funebres.

V

Deixamos de lado algumas variantes de letra que originou a nossa concepção, sem que isso implique condemnação destas.

Algumas que dizem *guerreando* em vez de *carreando* são muito acceitaveis e estão de accordo com o nosso modo de entender.

E' mesmo possivel que a idéa de guerra tivesse permanecido no espirito, senão na letra, e a palavra podia ter feito parte de algumas das estrophes que se perderam.

Outras variantes que attribuem a S. Miguel a propriedade da pedra parecem corruptelas e tiram ao todo a sua significação natural e immediata.

O accrescimo em alguns pontos do Brazil das estrophes de *Valentim* (diminutivo aliás de *valente*, coadunando-se com a idéa de soldado e guerreiro) seja ou não apocrypho, é muito confinadamente local e não existe nem em Portugal, nem na Bahia. Aliás não influe na estructura geral da nossa concepção, realizada antes de conhecermos a existencia desse appendice.

Muito aprendemos e muitas coisas foram-nos communicadas após a execução do nosso producto sobre essa canção. Todavia não podemos refazel-a, por temermos destruir aos poucos o que julgamos ter construido, como succederia a Appelles se elle attendesse a todas as observações dos transeuntes.

Limitámos-nos a apresentar algumas variantes de pequenos trechos da mesma, consoante com o meio em que porventura fôr ainda levada em publico.

VI

Após a primeira execução dessa ballada na Bahia, o autor teve á satisfação de saber que não era nem o unico nem o primeiro a ter notado o caracter triste dessa canção de roda, tendo sido presenteado por um amigo com um livro, no qual está uma das variantes da canção infantil traduzida em verso para o inglez, explicando a autora do livro minuciosamente as peripecias do brinquedo, como o praticam as crianças em um dos Estados do norte, e notando-lhe a feição lugubre.

Com o tempo veio a saber tambem que a lenda existe de facto em algumas provincias de Portugal, independentemente do jogo, embora ás vezes com divergencias da concepção do signatario dessas linhas e mais que não era aquella a unica versão para outras linguas desse bello specimen do folk-lore iberico.

O nome de "Sancha" como o de "Branca" foi em tempos nome regio, e muito aristocratico, e o de muitas fidalgas em Hespanha como em Portugal, embora hoje em dia não o seja mais. Questão apenas de epocha e de moda.

VII

Das toadas multiplas de "D. Sancha" só podiamos obviamente adoptar a versão luso-bahiana para thema da nossa producto, tanto mais quanto fomos, na velha cidade, embalados por ella nos tempos da infancia, e destinamos o nosso producto ao publico da Bahia, ou do norte do paiz.

Por dizermos thema não se deve deprehender que o nosso trabalho seja uma simples adaptação. Tomamos tanto a poesia, como a musica, como ponto de partida do desenvolvimento que fomos levados a dar; procurando reconsti-

tuir, logica e integralmente, pela imaginação o que poderia ter dado nascimento a um canto tão eivado de melancolia.

Só nos utilisamos do que julgamos conveniente e necessario ao cunho de origem.

O mais, bom ou não, da nossa lavra só teve em mira produzir o desenvolvimento de um modo e conceber pessoal, sem preoccupação de meritos que somos o primeiro a confessar insignificantes, senão nullos. Tal como a concebemos seria impossivel fazel-a de prompto executar em um meio artistico tão escasso de recursos choraes. Assim só nos foi possivel organizar o actual conjuncto agradecendo a bôa vontade dos eximios artistas que nelle tomam parte.

Se, porventura, não desagradar ao auditorio, tornar-se-á talvez possivel repetil-a alguma vez de modo mais completo e mais proximo da nossa concepção, com os meios de que podermos dispôr em occasião mais favoravel.

S. D. Fróes.

A LENDA DE D. SANCHA

(BALLADA)

Senhora Dona Sancha
Coberta de oiro e prata
Descubra o seu rosto
Queremos ver-lhe a cara
Que anjos são esses
Que andam carriando
De noite e de dia,
Com seus Padrenossos
E sua Avemaria?
São filhos de um rei
E netos de um conde
E mandam que se esconda
Debaixo de uma pedra
A São Miguel o Archanjo.

(Renda Infantil)

A avó contou-me a lenda de Dona Sancha a loira,
Tambem do cavalheiro, perdido em terra moira.
A tarde corre branda, mas, antes que anoiteça,
Contar-vos-ei a historia; que não vos entristeça...

Senhora Dona Sancha, coberta de oiro e prata,
Descobre o lindo rosto, que a tantos fere e mata;
Já brota a flôr do lirio no prado verdejante,
Viceja a rosa rubra, luz Maio rutilante.

—"Ouviste", ella pergunta
Ao jovem seu falcoeiro:
"Ouviste alguma nova
De pagem ou cavalheiro?
— "Porque saber quereis
O que me perguntaes?
Acharam a dois ginetes...
Não sei dizer-vos mais."

Senhora Dona Sancha, coberta de oiro e prata,
Levanta aos céos o rosto, que a muitos fere e mata.
— "Mostrae os bellos olhos e todas folgaremos,
Sorride a vossas servas; em Junho exultaremos."

— "Já vistes mensageiro?
Por elle sabereis
De lá de moiras terras.
Porque não respondeis?"
— "Não mais queirais saber
O que nos indagaes;
Feriram a dois ginetes...
E não diremos mais..."

Senhora Dona Sancha, coberta de oiro e prata,
Abaixa os bellos olhos, que a todos fere e mata.
E Julho foi passando, chegou por fim Agosto;
Senhora Dona Sancha nas mãos esconde o rosto.

— "Já veio o cavalheiro?
Dizei-me, se o sabeis,
Dizei-me, eu vos supplico...
Então... não respondeis?"
— "Já que saber quereis...
O pagem inda arquejou:
Morreram os dois ginetes.
O conde... não se achou..."

.....

Mas que me sinto agora? Porque tudo entristece
A tarde vae findando, no prado já escurece.
Quereis o fim da historia de Dona Sancha a loira?
A lenda é mui singela; mas isso não a desdoira.

Senhora Dona Sancha deixou-se d'oiro e prata,
Despiu seu rico manto, calçou pobre alpercata,
De denso véo cobriu-se, vestiu grosso burel;
Segura um grande cirio; mas não deixou o anel.

— Que monjas são aquellas
Que á noite e pelo dia
Carreiam Padrenossos
Com tanta Avemaria?
— Senhora Dona Sancha
Tambem com ellas rezava,
Mas ,quando ellas dormiam,
Na cella, a sós, chorava.

— Que lagrimas são essas e quem tanto a magoava?
Porque soluça e geme? — Não sei... não se queixava...
Setembro é já passado; moroso, após Outubro,
Surgiu frio Novembro. De luto então me cubro.

— Que sinos são aquelles
Que de manhã repicam,
Badalam a meio dia,
A' tarde ainda replicam?
— Outr'ora iam cantando,
Agora elles imploram,
Agora estão dobrando,
Agora tambem choram.

Senhora Dona Sancha, pensando ouvir tropel,
Em noite assim como esta, cahiu beijando o anel.
Seccaram os tristes olhos, mas vê-se o lindo rosto.
O coração rasgou-lh'o, ao finar-se, o seu desgosto.

— E que anjos pois são esses
Que, á noite e pelo diá,
Dizendo vão baixinho:
"Pae nosso, Avemaria?..."
— Levavam a Dona Sancha
Envolta em nimbeo véo,
Que em longo adeus á terra,
Pairando vae no céo...

A cruz da sua campa, despida d'oiro e prata,
Jaz alto na montanha. Chegando aquella data,
A neve encobre a pedra; o frio ali maltrata,
O vento brame queixas, o pranto ali desata.

Contei-vos já a historia
De Dona Sancha a Santa.
A lenda é triste... Embora...
Por triste é que me encanta.
Agora se quizerdes
Saber do cavalheiro
Que foi a moiras terras,
Com pagem e com escudeiro...

Respondo-vos que é tarde, que o dia amorteceu,
Que nunca me disseram se o pagem appereceu;
E mesmo do escudeiro mais nada se contou;
A dois corceis mataram; que o conde não voltou!

Senhora Dona Sancha, vestida de burel,
Em noite assim como esta, cahiu beijando um anel!
A tarde ha muito é finda, de ha muito anoiteceu,
A lenda é triste e, agora, tambem me entristeceu...

S. D. Fróes.

PAGINA DE IMPRESSÕES

Das diversas referencias da imprensa aos ensaios e á audição dessa ballada na Bahia destacaremos as seguintes tres, a saber: uma relativa a um dos ensaios e duas á audição publica.

I

TRAÇOS

Minha senhora — Não admira que a minha linda amiga se tenha illudido. Tambem me eu enganei, quando lhe disse ha tempos, lembra-se? entre uma chavena de matte e os seus olhos de pervinca, que já me haviam batido os nervos tantos transes successivos de angustia e dor moral, que eu por fim quasi me convencera da anesthesia do meu sentimentalismo.

Sempre me pareceu, minha senhora, que eu nunca me chegaria a commover profundamente, totalmente, verdadeiramente.

Ora, nem eu fui sincero, nem a senhora acertou.

A verdade é que eu sou apenas um homem.

E nada do que é humano, como no verso latino de Terencio, ha de ser alheio a mim.

A commoção é humana, minha amiga.

E que diria o seu bello sorriso de crystal, se eu lhe confessasse que ha tres dias me commovi até as lagrimas?

Pois é tudo que ha de mais verdade.

Numa deliciosa "côterie" de gente de talento — um "entourage" adoravel de artistas de estirpe, dos poucos que a inercia provinciana não corrompeu ainda, — ensaiava-se um romance, uma narrativa muito branda, muito suave, muito triste, musica e versos primorosos desse genio patricio que é Sylvio Deolindo Fróes.

A sra. de certo já ouviu fallar dessa joia de musica descriptiva que é a "Lenda de D. Sancha".

O poema, a que Deolindo Fróes imprimiu todo supremo valor do seu genio formidavel, nasceu de uma ronda

infantil, haurida pelas nossas doces avósinhas numa historia de amor de um longinquo folk-lore" portuguez.

E' uma lenda commovedora, de uma dessas castellãs, que outr'ora inspiraram as poentas balladas dos bardos menestreis e que morreram de amor, á cella de um mosteiro, olhos presos na curva do caminho, á espera do bello conde aventureiro.

Mas não é isso, minha amiga, que compunge; não é isso que sensibilisa.

E não foi isso que me fez chorar. Foi antes o motivo musical da lenda, essa ronda infantil, a cujo rythmo tanta vez em crianças adormecemos, e que lá surge no romance, quando por quando, no seio da eloquencia pasmosa do discurso sonoro:

Senhora dona Sancha
Coberta de ouro e prata...

Chorei, minha amiga, sobre a saudade da minha infancia morta, um crescente de lua evocativo, uma janella aberta sobre o campo e a voz materna meiga e cariciante como os sonhos da primeira edade, descantando ao compasso embalador dos vaivens do berço, a ronda da princeza moira.

Quando os abnegados discipulos de Fróes calaram os instrumentos, as minhas lagrimas desciam com a mesma suavidade rythmica, com que o somno n'aquelle tempo cahia do céo, sobre os meus olhos ao som da voz materna.

Ahi está, minha amiga, porque eu lhe dizia que me enganei, quanto ao meu sentimentalismo.

Mas o que quer? Eu sou homem, minha amiga. Seu affectuoso ROBERTO.

René LHERY.

(Secção de critica de Arte d'*O Imparcial*, da Bahia, de 20 de Agosto de 1919.)

II

D. SANCHA

De Deolindo Fróes

Em torno de D. Sancha — (quem o diria?) — dessa mesma D. Sancha que todos nós entoamos inconscientes nos tempos dos folguedos infantis, da D. Sancha coberta de oiro e prata, no dizer tão costumeiro ás velhas xácaras e aos romances antigos, bordou o talento de Deolindo Fróes um poema musical verdadeiramente maravilhoso.

Em estylo descriptivo, em meio ao qual de onde em onde se reproduz a conhecida toada da D. Sancha, á qual foi impresso um desenvolvimento incontestavelmente magestoso, é o poema de molde a despertar as mais intensas emoções, fazendo turbilhonarem myriades de idéas seductoras de sentimentos ternos.

E' um conjuncto de factores que assoberbam a alma.

De um lado tem-se a musica felicissima, inspirada, verdadeira, sincera, colleante, acompanhando passo a passo a significação verbal da xácara tão antiga. E sente-se tudo expresso numa clareza diamantina: a ansia da triste Sancha ao pedir novas do seu amor; as hesitações das respostas; a tristeza que sobe irresistivelmente, como ondas victoriosas, na sua alma; a amargura com que "despe o rico manto, calça pobre alpercata, e veste grosso burel"; o murmulho de orações das monjas combalidas; o soluço e o arquejo que acompanhavam as lagrimas que a desgraçada "na cella á sós chorava"; o funebre dobre dos sinos que "agora tambem choram"; a frieza que envolve a "cruz da campa sua"; o gemer da ventania que passando pelas

cordas da orchestra "brame queixas"; emquanto a neve encobre a pedra, sob cuja frieza emmudeceu e repoisou o coração dolorido da pobre D. Sancha. Aqui e ali volta o tonilho doloroso em que um martyr, numa repetição dulçorosa, dirige a prece magoada:

"Senhora Dona Sancha, coberta d'oiro e prata,
Levanta aos céos o rosto, que a muitos fere e mata"

E essa phrase doce, esse pedido angustioso, em que vae tanto do consolo desejado, por sua vez desperta profundas emoções. O coração, este, sentindo partirem-se as derradeiras fibras da sua fortaleza, impregna-se de sentimentalismo perante a maravilhosa pagina musical de Deolindo Fróes, na lenda de D. Sancha.

De outro lado, ainda embalado pela musica suggestiva, tecida da lenda tantas vezes escutada nos tempos desgraçadamente longinquos da minha meninice, quero deixar gravadas nestas linhas impressões sentimentaes do coração e fantasias evocativas do meu espirito.

Quem seria bastante insensivel para ouvir sem sobresalto o recordar de uma simples musica, é verdade, mas que foi constante companheira da nossa infancia?

Quem não terá tido deante dos olhos, numa evocação magica; triste, mas de certo modo consoladora, a imagem daquella que primeiro nos disse phrases de amor, daquella de quem recebemos os beijos quando balbuciamos as primeiras palavras, que foi o alvo dos primeiros sorrisos nossos, que nos deu as formosuras inexcediveis dos seus carinhos, o amparo dos nossos primeiros dias, a nossa deusa maxima, a inspiradora da nossa vida, a consoladora das nossas dores, o balsamo das nossas feridas, o enlevo dos nossos corações, — de cujo labios tambem pela primeira vez ouvimos o mavioso cantar: — "Senhora D. Sancha, coberta de oiro e prata"?

De mim — confesso — senti de oiro e prata a propria alma, enlevada e deslumbrada por dulcissimas recordações. Emquanto dos instrumentos que cantavam sob a inspiração do Fróes voavam para os céos, em ondas de harmonias, as notas da sua musica; eu desprendia-me do ambiente, mergulhava na lembrança do passado e via-me ainda tamanino, mal desabrochado, o ser inconsciente de tudo; — feliz — ali! — tão feliz — no seio dessa mesma inconsciencia, vivendo por entre affectos, da vida apenas a conhecer os arminhos, sem sonhar sequer com as urzes em que mais tarde haveria de lacerar as carnes, protegido então pela caricia inominavel, indescriptivel, de almas amigas, debruçada a cabeça no regaço materno, regaço que nunca mais terei; a ouvir, a ouvir, deslumbrado, esquecido do mundo, de todas as coisas, sentindo a repercussão em mim dos sentimentos do canto; maravilhado, attonito, seduzido, a ouvir dos labios de uma Mãe a toada magnificente, qual allucinação, surgindo de novo do passado: "Senhora Dona Sancha... coberta de oiro e prata"...

Essa minha emoção foi a de todos. Creio que o Fróes não poderia ambicionar maior victoria.

Felizes os homens quando conseguem fazer acudirem esses sentimentos nos corações, aquellas idéas nos espiritos.

Bahia, Agosto de 1919.

PINTO DE CARVALHO.

(conhecido e notabilissimo Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, grande clinico, litterato, orador e tambem distincto musicista.)

A Tarde de 1.º de Setembro de 1919.

III

A NOTA

LENDA DE D. SANCHA — Estou ainda sob a impressão magnifica da beileza que é a LENDA DE D. SANCHA, poema-ballada de Deolindo Fróes. Foi pela tarde de domingo, num scenario de poente em oiro, com torres de convento ás distancias do céo, e uma profunda doçura da natureza ambiente.

E, para os meus sentidos accordados no tropel das emoções felizes, aquella audição do trabalho primoroso sob todos os pontos de vista estheticos; da invenção original ao movimento rhythmico, da elevação sem deslises ao desenvolvimento musical; toda a peça lyrica numa expressão prestigiosa do mysticismo envolvente das lendas; toda ella remoçou adormecidas lembranças, para o prazer sem palavras da verdadeira, da perfeita, da suprema Arte dos sons.

Wagner disse que a musica attinge a perfeição do sentimento melhor do que o verbo humano. Ao ouvir, pois, a pagina descriptiva de D. SANCHA, onde o grande espirito creador de Deolindo Fróes plasmou um mundo de mysterio e harmonia, arrancado ao silencio evocativo das coisas idas e vividas, senti que o poder interpretativo do genio musical não está longe de realizar o milagre prophetisado por Wagner. Bem que se póde dizer toda a Belleza pura na linguagem dos violinos, sem a ajuda das articulações verbaes.

Mas quando — nesse proposito do encanto e da magia — o som se casa com a palavra, qual no poema-ballada de D. SANCHA, o esplendor das transfigurações artisticas

sobe, cresce, requinta de fascinação, até á graça, até ao extase, atê ás lagrimas!...

Maravilhoso condão de artista, que amei nos fremitos de D. Sancha! Quem poderá contar senão tu mesmo, naquella plangedora volta da canção, a sensação do infinito que ha na saudade sem cura, no abandono sem fim? Quem, senão os doces arcos febris dos violinos e as queixas solemnes dos violoncellos, em commentarios das resonancias sonoras de sinos de legendas, do tropel medieval dos torneios, latidos e pragas dos ventos, soluços e gemidos das coisas?

Ouvir a LENDA DE D. SANCHA é reconhecer que a musica vence, sob a energia reveladora de um eleito como Deolindo Fróes, o impossivel da expressão perfeita da Belleza. Beijo as mãos de Deolindo Fróes pelo bem indefinivel que me fez, domingo á tarde, num scenario de poente em oiro, com torres de convento ás distancias do céo...

CARLOS (*).

(*) (Pseudonymo do Dr. Carlos Chiacchio, distinctissimo medico e primoroso poeta e publicista.)

Jornal de Noticias (Bahia), de 2 de Setembro de 1919.

Deixamos de parte innumeras referencias outras a essa audição, já por serem mais extensas, já por serem talvez, mais ou menos, reproducções do mesmo sentir da parte dos seus autores.

Aliás, fizeram allusões ao nosso trabalho não só a imprensa local como tambem jornaes e revistas do Rio e de alguns outros Estados.